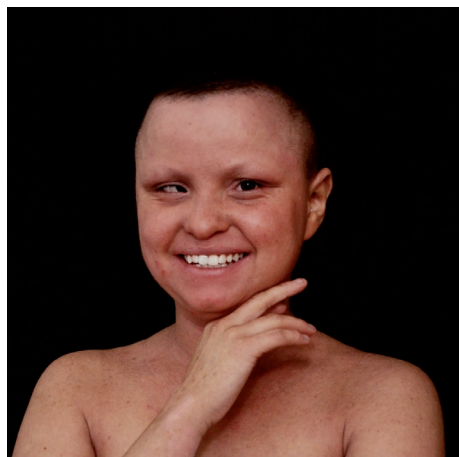


cultural

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Abril 2013 – Nº 245

Fotografando com a alma

Moises Rabinovi



A doutora Régia Celli Patriota de Sica aponta sua Nikon para a marca suspeita na pele do paciente. *Clic*. Presa em alta resolução, a imagem será ampliada até revelar o que esconde — nada, ou a perigosa semente de alguma doença.

Clic-clic-clic, agora o foco é outro: 12 crianças com suas mães. A artista Régia Patriota as retratará. Não para expor as doenças de pele com que todas nasceram. Nem para escondê-las, tão visíveis com suas tatuagens genéticas. Quer

simplesmente exibí-las sorrindo, amorosas e meigas, em choque frontal com os preconceitos que as excluem das piscinas e parquinhos, perseguem-nas em escolas, isolam-nas de reuniões sociais e as humilham em público. E, não, não: elas não são contagiosas; são injustiçadas.

Fotos autocontrastantes: quando Régia clica, seja no consultório ou no estúdio, como dermatologista ou fotógrafa, sua Nikon vira instrumento de cura na luta contra lesões da pele. As escolas de Medicina e a Panamericana de Arte e Design ficaram nela reunidas. Os 16 retratos da exposição “Além da Pele — a beleza da alma e da família”, aberta de 21/3 a 29/5, na Pinacoteca da Associação Paulista de Medicina (APM), são o trabalho de conclusão do curso de dois anos de Fotografia. Enquanto era feito, nasceu-lhe o desejo de criar uma campanha contra o preconceito aos doentes de pele.

Clic, clic, clic... foram mais de 400 cliques desde 2010, agora resumidos nos 16 retratos. Escolhas difíceis para quem se considera “uma perfeccionista”. Expor os retratos 60 x 60 cm ao olhar público, porém, demandou uma incrível produção à parte. Foi preciso autorização por escrito de cada um dos pais. Outra, do Conselho Regional de Medicina (SP). E ainda mais duas: a do Ministério Público e a do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo — Vara da Infância e Juventude.

Este é o momento de apresentar Rogério e Roseane, irmãos de Régia, ambos presenças fundamentais para a realização de “Além da Pele”, porém invisíveis. Foi necessário visitar as 12 famílias das crianças, escolhidas aleatoriamente, além de reuni-las num cartório para formalizar as autorizações obrigatórias. Tudo demandou planejamento e logística. E, como acrescentam: “Com um bom toque profissional, a doutora-artista soube ver além das necessidades do outro. Procurou providenciar remédios para quem precisava, marcação de consultas com outros colegas, trazendo para o **centro** quem se encontrava à margem. São gestos que expressam beleza, para lembrar Dostoiévski: ‘A beleza salvará o mundo’”.

Os especialistas diagnosticarão nos retratos casos de psoríase, dermatite atópica, albinismo, ictiose e epidermólise bolhosa, doenças, em sua maioria, de origem hereditária.

“Régia Patriota é uma fotógrafa que enxerga muito além da superfície”, diz a curadora Alícia Peres. “Sua formação em Medicina lhe deu a habilidade de ver o que não necessariamente está na imagem, mas sim no tato, nas entrelinhas e nos sons descompassados do corpo de alguém que lhe pede cuidados. Seria impossível traduzir em palavras o que revelam as fotos”. Ela acrescenta: “É o olhar... a relação mãe e filho, a delicadeza de um sorriso, a leveza inesperada e a nudez coberta de significados”.

A artista e a médica parecem realizadas. “Queria que vissem o olhar profundo das crianças, suas expressões, gritos silenciosos por inclusão”, diz uma. “Não existe campanha para a maioria das doenças. E elas são desprovidas de acolhimento que poderiam libertá-las da rejeição e dos exílios dolorosos em que se enclausuram”, diz a outra.

As crianças e suas mães ficarão em muito boa companhia, expostas ao lado de artistas como Tarsila, Ianelli, Bonomi, Segall, Pancetti, Di, Volpi, Tozzi, Ivald Granato, Rebolo, Portinari, Malfatti e Aldemir Martins, entre outros.

SERVIÇO

Local: Pinacoteca da Associação Paulista de Medicina

Endereço: Av. Brigadeiro Luís Antônio, 278

Bela Vista — CEP 01318-901

Contato: (55 11) 3188-4304

E-mail: pinacoteca@apm.org.br

Período: de 21/3 a 29/5, de segunda a sexta-feira, das 9 às 20h

A Medicina na berlinda

Antonio Carlos Gomes da Silva

Nos últimos meses, várias situações enfocaram o exercício da Medicina: o fato de que apenas 45,5% de médicos recém-formados foram aprovados no exame de suficiência do Conselho Regional de Medicina de São Paulo (Cremesp); a má distribuição de médicos no País; a regulamentação da profissão médica em debate no Congresso Nacional; a intenção do governo federal de autorizar a abertura de novas escolas médicas e a de revalidar diplomas de médicos formados no exterior; finalmente, a notícia de uma menina atingida na cabeça por uma bala perdida, cuja morte foi atribuída à demora para a realização da cirurgia porque o neurocirurgião faltou ao plantão.

Cada uma dessas situações, particularmente a da formação do médico, exigiria uma profunda reflexão. Aliás, a Academia de Medicina de São Paulo promoveu, em 29 de novembro último, um dia inteiro de proveitosos debates, com o tema “O Diagnóstico da Realidade do Médico Brasileiro”, quando foram abordados temas desde a formação até a atuação do médico no Brasil.

O caso que mobilizou a opinião pública tem muito a ver com a formação do médico, com destaque para a ética médica. Provavelmente, não foi a demora para a realização da cirurgia a responsável pela morte da menina, pois, dependendo da trajetória da bala e de onde se alojou, o pior já estava determinado. No entanto, jamais pode ser aceita a ausência de um plantonista, por mais imperioso que seja o motivo, nem mesmo o abandono de um plantão médico quando o colega substituto se atrasa ou não comparece. No entanto, o foco desse caso é outro, a criminalidade sem fim.

Aliás, esse emblemático caso propicia o desenrolar de um complexo novelo, que começa na juventude, com a decisão de estudar Medicina. Não sabem os leigos, porque por essa opção não transitaram, que a maioria de nós, médicos, assim decidimos por um impulso interior de ajuda ao próximo, ao ser humano que sofre, com o qual também sofreremos

quando do insucesso de uma orientação ou intervenção. Portanto, assiste razão ao preclaro colega Miguel Srougi, quando pergunta em manchete de artigo publicado na *Folha de S.Paulo*: “Médicos inaptos: algozes ou vítimas?”.

Verdadeiras vítimas que ingressam em muitas Faculdades de Medicina despreparadas para formar médicos, pois lhes faltam condições mínimas para o ensino, desde as matérias básicas até Hospitais Universitários, dentro dos quais DOCENTES MÉDICOS deverão completar aquela amálgama iniciada lá no primeiro ano com o estudo da Anatomia, permitindo entranhar-se no estudante a compreensão das doenças, de suas terapias e das responsabilidades do médico. O ensino da Medicina é **artesanal** e não pode ser substituído pela parafernália de equipamentos, cada vez mais modernos e sofisticados, mas que não se comunicam com a alma humana. Quantos sabem fazer uma anamnese? Quantos alunos podem, a cada aula, palpar um órgão de um doente que sofre? Quantos aprendem durante uma cirurgia? Por essa razão, quando diretor da Faculdade de Medicina de Santo Amaro, atual Unisa, lutei pela redução de 60 para 30 vagas por ano. Quanto mais não seja porque são estes os futuros médicos que estarão em nossas cabeceiras dentro de alguns anos. Disso, os burocratas de plantão não se apercebem.

Infelizmente, as notícias não são nada alentadoras, iniciando pela malsinada política de cotas, ou seja, a destinação de 50% das vagas para ingresso no ensino superior para grupos raciais, sob o falso pretexto de corrigir uma secular injustiça social, que tem outras raízes, tais como a velha (mas sempre renovada) política dos “coronéis”, a desestruturação das famílias pela paternidade e/ou maternidade irresponsáveis e o péssimo ensino fundamental. Além de interferir na autonomia das Universidades, fere de morte um dos mais eficazes instrumentos para a evolução do ensino e do aprendizado universitário: o VESTIBULAR. Por meio

dele, as turmas são formadas por alunos em semelhante estágio de conhecimento, particularmente importante para o curso de Medicina, evitando o dilema do professor que se vê obrigado a ministrar aulas ou para os mais avançados, relegando os cotistas a um limbo intelectual, ou para estes, travando o desenvolvimento do outro grupo mais preparado. Como professor, já passei por essa experiência, pois tive de recomeçar um curso por não ter atinado com o nível de conhecimento de determinada turma. Outro lamentável aspecto dessa medida é desconsiderar o mérito. Numa disputa por 100 vagas, a partir do 51º colocado, os esforços dos alunos vão para a lata de lixo, pois foram preteridos por outro critério. Portanto, 2 critérios, acentuados, DÍSPARES, num mesmo concurso. ABSURDO!

Sabemos também que o governo federal, sob o pretexto da falta de médicos, pretende, por meio de uma “canetada”, homologar os diplomas de médicos formados alhures, quando a situação atual é a má distribuição de médicos pelo Brasil. O Conselho Federal de Medicina e o Cremesp publicaram a Demografia Médica no Brasil, em dezembro de 2011, demonstrando esse fato, pois, para uma média nacional de 1,95 médico por mil habitantes, tínhamos 4,33 em São Paulo, 6,03 no Rio de Janeiro, 6,29 em Belo Horizonte, 8,34 em Porto Alegre e 10,41 no Espírito Santo. Por outro lado, 1,06 em Macapá, 1,31 em Manaus e 1,34 em Rio Branco. A pior distribuição é a do Maranhão, com 0,68 médico pelos mesmos mil habitantes. Nos Estados Unidos, o índice é de 2,67.

A solução só se dará quando houver condições de trabalho suficientes para o atendimento completo aos pacientes, atraindo profissionais da saúde de várias áreas, com remuneração adequada às condições da região. Isso só pode ser conseguido por meio de políticas governamentais. De nada adianta formar mais médicos, ou, o que é pior, revalidar diplomas de médicos formados no Exterior sem prova de capacidade profissional; afinal, se nesse tema os médicos formados no Brasil são reprovados na sua maioria, o que acontecerá com médicos de fora, cujo exame de revalidação do diploma reprovou 88% em 2011, percentual muito maior que o constatado no recente exame do Cremesp? Sabemos todos, desde a época de estudantes, que muitos dos que vão

estudar Medicina no Exterior, fazem-no para fugir de um vestibular rigoroso, competitivo e extremamente necessário para moldar a têmpera do jovem, talhando-o para a diuturna batalha pelo progresso do conhecimento.

Finalmente, o financiamento da Saúde. Se temos um sistema público e universal, não podem ser esquecidos os dois pilares básicos desse setor: a verba suficiente para atender à demanda; e o correto emprego desse numerário, cerceando quaisquer mecanismos de desvio do dinheiro público. O financiamento é insuficiente, como podemos constatar nos atendimentos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). E o emprego da verba, segundo a experiência que tive nesse campo quando Superintendente do Hospital das Clínicas de São Paulo (HC), deve obedecer a uma receita muito simples: não existe dinheiro do governo, como eu dizia para os fornecedores do HC. O dinheiro é meu, é seu, é nosso e deve ser administrado como se saísse do meu, do seu, do nosso bolso, o que é a mais cristalina das verdades, pois se origina dos impostos que pagamos. E a economia seria ainda maior com atendimento médico mais humanizado e menos robótico.

Antonio Carlos Gomes da Silva

Membro da Academia de Medicina de São Paulo

Luiz V. Décourt — o Professor

Luis Gastão Costa Carvalho Serro-Azul

E o Professor?

Ainda estudante, o jovem Luiz Décourt iniciou seus estudos propedêuticos na Enfermaria de Medicina de Homens da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (Professor Rubião Meira), onde participou do grupo do Dr. Barbosa Correia, aprendendo, além da boa prática, a importância da leitura de revistas científicas e o valor da pesquisa clínica. Desde logo, sua capacidade e pertinácia no trabalho foram notadas por Jairo Ramos (mais tarde, Professor de elevado prestígio no meio médico e universitário), que vaticinou o brilhantismo de seu futuro ao recordar a vivência de ambos naquele Serviço, no qual aprenderam a se estimar.

Com efeito, foi agraciado por um verdadeiro dom de família — pendor para ensinar. Desde acadêmico, lecionava em nível colegial, com didatismo perfeito, herdado de seu pai, Paulo Luiz Décourt (professor de Ciências e erudito em Botânica, Zoologia, Mineralogia, Farmácia). Depois de formado, ensinou em cursos regulares e livres da Escola Paulista de Medicina e da Faculdade de Medicina da USP.

*

Faz tanto tempo...

Parece que foi ontem (1950) que ele tomou posse como Catedrático, após o mais memorável concurso de todos os tempos. Com vivacidade de inteligência e raciocínio seguro, vigorou em todos os instantes do certame. Houve diálogos magníficos. Um dos examinadores, em tom de distinto desafio aos seus dotes matemáticos, arguiu acerca da fórmula de Lagrange; de imediato, Décourt dirigiu-se à lousa, apanhou um giz e efetuou a demonstração! O renomado Professor Magalhães Gomes, primeiramente, escusou-se por figurar atingir com “algumas pedrinhas” a redoma de proteção (sabedoria) do candidato e, assim, questionou-o acerca de a onda Q do eletrocardiograma ser

mencionada na tese como sem atributo; isso propiciou réplica com um eficiente jogo de palavras — *o atributo da onda consiste em não ter atributo elétrico e, por isso mesmo, ganha o atributo de conduzir ao diagnóstico*. Com a palavra, o Professor Antônio Barros Ulhôa Cintra tem um curto pronunciamento, sóbrio e inusitado — *a sua tese é um monumento, e em homenagem encerro minha arguição*. É o que me lembro de ter ouvido; nunca vi e nunca soube de algo semelhante!

É interessante assinalar que, em seu livro *Lições de patologia cardiocirculatória*, de 1950, os quadros ilustrativos foram desenhados pelo autor, sendo que em um deles consta a representação do intervalo correspondente à sístole elétrica (prenúncio da tese elogiada pelo Professor Ulhôa Cintra).

A posse do Professor Luiz V. Décourt ocorreu em 4 de agosto do mesmo ano. A sua, e nossa, 2ª Clínica Médica, 6º andar do Hospital das Clínicas (HC), logo foi se tornando mística.

Naquela época, o título de Professor era exclusivo para catedráticos. Em artigo prévio, comentei que no tratamento universitário era regra usual de, ao título de Professor Doutor, seguir o nome e/ou sobrenome do catedrático. Entretanto, em nosso meio, depois da sua posse, quando alguém dizia Professor naturalmente se subentendia que se referia a Luiz V. Décourt. Ademais, pouco a pouco, também na clínica particular e, em outros setores, todos passaram a chamá-lo de Professor, simplesmente.

O conceito que, desde jovem, fez de Professor Catedrático e a sua formação patriarcal e cristã foram as forças que o levaram à alta posição que hoje ocupa nos meios intelectuais ao lado da cultura científica e humanística, sobrelevam também a correção moral e dos sentimentos, dos gestos e das atitudes (Ennio Barbato, Professor Adjunto, 1965).

Noção essa que motivou o próprio Barbato a conseguir do eminente filólogo, Professor Francisco Silveira Bueno, o significativo laudatório:

LAUDES

LUDOVICO DÉCOURT

MAGNO RERUM MEDICARUM

MAGISTRO

QUI PER ANNOS QUINDECIM

MEDICAS LITTERAS

SAPIENDO ILLUSTRAVIT

SCRIBENDO NOBILITAVIT

DOCENDO PROPAGAVIT

COLLEGAE DISCUPILI

AMICI

DEDICANT

De fato, creio que nunca conheceremos outro que supere as suas principais características. Realmente, tal postura foi uma constante em sua vida — *honestidade, ciência e caridade* —, paradigma para aqueles que almejam o desempenho correto de nossa profissão (L. V. Décourt. *As virtudes básicas do médico*, 1951).

*

Convivemos diariamente, por mais de 50 anos, em ambas as atividades, sem interferência de uma na outra. Na clínica particular, o Professor contornava a hierarquia acadêmica para não inibir espaço a minha evolução — havíamos de ser colegas de consultório.

Habitualmente sério, não exibia, porém, semblante sombrio, fechado. Mais circunspeto, é verdade, em suas atividades profissionais universitárias e na clínica própria. Esboçava um contido sorriso quando perguntávamos alguma coisa óbvia para ele (*você não sabe?*). E a explicação vinha curta e perfeita, habitualmente em pé, andando pela sala ou a caminho da saída.

*

Amenidades

Algumas vezes por ano, saíamos para jantar, em geral com nossas esposas e algum dos colegas. Apreciador mo-

derado de bom vinho, queijos *gruyère* e *ementhal*, além de camarão, que *nasce para ser comido*, como gracejava ele.

Muito antes, fins de 1950, durante o breve cafezinho das 9 horas, da 2ª Clínica Médica, ele comentava alguma peça de teatro, quando extravasou a notícia de que era o dia do seu 38º aniversário! Em outra ocasião, elogiou entusiasmado *A raposa e as uvas*, de Guilherme Figueiredo, que seria encenada no Teatro Brasileiro de Comédia tempos depois.

Teatro Municipal, uma noite para ver Marcel Marceau e sua mímica prodigiosa — metade da face rindo e metade chorando! E outra para assistir a um concerto sinfônico, quando, por sinal, parecíamos os únicos não estrangeiros presentes.

Cinema, raramente. Porém, foi memorável a tarde de domingo na qual fui buscá-lo para assistir *Glória feita de sangue*, de Stanley Kubrick.

Aniversário da 2ª Clínica Médica. Dia 4 de agosto. Sessão no anfiteatro, às 10 horas, com todos os membros do Serviço. Às 21 horas, jantar, em cantina, comandado pelo Dr. Dante Nesse, Secretário da Faculdade, bom amigo agregado ao nosso grupo.

Aniversário do Professor. Dia 7 de dezembro. Cumprimentos em sua sala; comemoração familiar em sua residência, visita de amigos mais íntimos.

Natal da Enfermaria. Sessão comemorativa, distribuição de brindes aos funcionários.

*

Nunca voltei ao 6º andar do HC. Não desejaria encontrar vestígios daquela época feliz e, se por ventura encontrasse, não seriam tão vivos como esses que ainda conservo na memória.

*

Panteísmo de alma. Afigura-se que a sua inteligência possuía predileção pelo mar. Não negligenciava o campo e a montanha. Férias, pouco frequentes, no campo ou em seu apartamento em São Vicente. Contudo, em uma daquelas tardes fui até lá para analisarmos assunto para tese de doutoramento. Passaram-se horas de boas conversas, alheias ao motivo da viagem. Jantamos pizza, sorvemos chope. Desprezado o assunto principal, voltei, satisfeito!

*

Aspectos da vida cultural

Conhecia religião a fundo, sem exteriorizar em vão a sua crença de católico praticante. Tampouco notei alguma ação para interferir na vida espiritual ou política dos assistentes. Por curiosidade momentânea, certa tarde, indaguei-lhe a respeito da teologia da libertação. Embora pronto para sair, olhou para o relógio e respondeu: *eu lhe explico em poucos minutos*. Entendi, e logo partimos.

Ademais, seu intelecto abrangente aprofundava-se no conhecimento da natureza por si só ou por meio de representações artísticas, bem estudadas em sua selecionada coleção de publicações sobre arte, história, astronomia, ao lado de primorosa biblioteca, compreendendo literatura das línguas portuguesa, inglesa, italiana, hispânica, alemã, russa, francesa.

Nos encontros informais, denotava predileção pelo francês quanto à beleza do seu vernáculo, como observava em *O vermelho e o negro*, de Stendhal. Todavia, aludia a outros trechos literários que o impressionaram, comentando autores mais conhecidos por nós. O planejamento de assassinato feito pelo Raskólnikov, no início de *Crime e castigo* (Dostoiévski), chegara a lhe causar dor de cabeça. A morte do velho pai em *Sparckenbroke* (Charles Morgan). Alucinação em *O jogador de xadrez* (Stefan Zweig). Concisão em *A beleza inimaginável de uma ilha chamada Morea* (W. Somerset Maugham). E, por falar em concisão, o que diria se tivesse lido: extasiado, na primeira vez que viu o mar, o menino apelou — *pai me ajude a olhar o mar* —, do uruguaio Eduardo Galeano?

Muita gente diz que a música ajuda a viver. Felizmente. De fato, ouvindo algum dos discos de seus clássicos mais apreciados (qualquer um deles, acredito), ele se concentrava, imóvel como a estátua do pensador, procurando bem sentir todas as minúcias da peça musical; o que impressionava às raias da emoção! Foi o meu principal orientador na formação da minha discoteca, evidentemente. Hoje gostaria de convidá-lo para apreciar uma gravação antiga: *Nacht und trüme* (Schubert), por Dietrich Fischer-Dieskau, colosso inigualável da música vocal, falecido no início de 2013.

Fazem-me falta, sobretudo, os nossos “colóquios musicais”, vividos por mais de meio século. E, de mansinho, a saudade vem chegando...

*

Elogio à amizade. Romain Rolland escreveu páginas até que o seu personagem, Jean Christophe, concluiu: *tenho um amigo, tenho um amigo...* Amizade é um sentimento de difícil definição, diferente de convivência, convivência ou conveniência, embora estas possam convergir para ela. Ou, em versos que encantam — *Poema para os amigos* — *basta que me queiras como amigo. Obrigado por seres meu amigo* (Jorge Luis Borges). No entanto, certo dia, o Professor deu por encerrada uma divergência burocrática ao colocar o melhor conceito: *se você me fizesse a mais grave ofensa, eu ainda continuaria seu amigo*.

O Professor morreu em 21 de maio de 2007. Fisicamente, apenas.

Maio, 2012

Epitáfio da Viúva-Negra

Arary da Cruz Tiriba

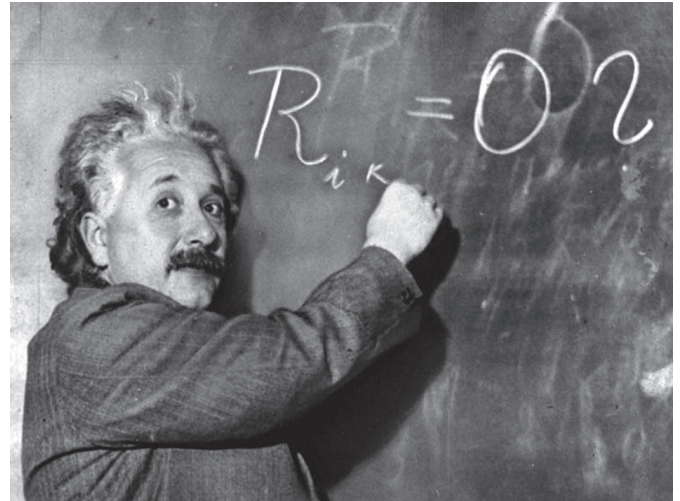
Sombria, rígida, fria
 Inerme
 Olvidada inteiramente
 Qual lápide cá resto
 Fiel companheira que fui
 Do Mestre d'antanho
 Que por lousa me tratava
 Com mensagens m'acarinhava

Hoje meros fantasmas
 Gargalhamos do *apartheid*
 Nu'aeu no leito da negritude
 Aos meus pés
 Solidário
 Consensual parceiro
 Alvo giz escrevinhador

Nívea tela
 Retroprojedor
 Transparência
Datashow
 Lousa digital
 Açodadoss'erdeiros
 S'automearam
 De vez arruinaram
 Figura de Professor este
 Agor'apenas
 Mero arauto anunciador

Claro, Martins Fontes — médico e poeta santista — não assinaria a versalhada deste, que também é santista e médico, mas não poeta.

O quadro-negro dos modernos anfiteatros não é mais funéreo, tem bonitas cores e lápis litográficos. Deixou de ser o *sem-espaço*, tornou-se sociável, é proprietário da sua



Albert Einstein à lousa

parede. Mas se é ignorado!, melhor dizendo, ninguém sabe usá-lo!

— V., futuro Professor, reaprenda! Vá, a intervalos, à lousa! Aquele toque especial que está faltando ao Mestre que, assim, não ficará tão dependente do *datashow*.

Arary da Cruz Tiriba

Membro Emérito, ocupante da Cadeira 81, Adolpho Lutz, da Academia de Medicina de São Paulo

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinematoteca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nilceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.